



Uma astróloga me mandou um e-mail dizendo que tinha notícias importantes com relação a acontecimentos no meu futuro próximo. Conseguia ver coisas que eu não conseguia: tivera acesso a meus dados pessoais e isso lhe permitira estudar os planetas para obter informações. Queria que eu soubesse que um trânsito importante estava previsto para acontecer em breve no meu céu. Essa informação a estava deixando muito animada ao pensar nas mudanças que poderia representar. Por uma tarifa singela, ela a compartilharia comigo e me capacitaria a tirar dela o melhor proveito.

Podia sentir — continuava o e-mail — que eu estava perdida na vida, que às vezes tinha dificuldade para encontrar sentido na minha atual situação e ter esperança em relação ao que estava por vir; sentia haver entre nós uma conexão pessoal forte e, embora não pudesse explicar esse sentimento, sabia também que algumas coisas não tinham mesmo explicação. Sabia que muita gente não dava importância ao significado do céu acima de nossas cabeças, mas estava convicta de que eu não era uma dessas. Eu não tinha a crença cega na realidade que levava os outros a pedir explicações concretas. Ela sabia que eu já sofrera o suficiente a ponto de começar a fazer determinadas perguntas para as quais ainda não obtivera resposta. Mas os movimentos planetários representavam para o destino humano uma zona de reverberação infinita; talvez algumas pessoas simplesmente não conseguissem acreditar ser importantes o suficiente para estarem incluídas nisso. A triste verdade, dizia ela, era que nesta época de ciência e descrença nós perdemos a noção do nosso próprio significado. Tornamo-nos cruéis, com nós mesmos e com os outros, pois acreditamos no fundo que não temos valor.

O que os planetas oferecem, dizia ela, é nada menos que a oportunidade de recuperar a fé na grandeza do humano: quanto mais honra e dignidade, quanto mais gentileza, responsabilidade e respeito nós traríamos para nossas interações mútuas se acreditássemos que todos nós, sem exceção, temos uma importância cósmica? Sentia que eu, particularmente, era capaz de discernir as implicações que isso tinha para o desenvolvimento da paz e da prosperidade mundiais, sem falar na revolução que um conceito aprimorado de destino poderia acarretar ao aspecto pessoal das coisas. Torcia para que eu a perdoasse por entrar em contato comigo daquela forma, e por falar de modo tão franco. Como já tinha dito, sentia haver entre nós uma forte conexão pessoal, e isso a incentivara a expressar seus sentimentos mais íntimos.

Parecia possível o mesmo algoritmo de computador que havia gerado esse e-mail ter gerado também a própria astróloga: suas expressões eram excessivamente cheias de personalidade, e esse aspecto se repetia com exagerada frequência; ela havia sido de modo evidente demais baseada num tipo humano para ser, por sua vez, humana. Em consequência, sua empatia e preocupação eram ligeiramente sinistras; por esse mesmo motivo, porém, pareciam também imparciais. Um amigo meu, deprimido após o divórcio, admitira recentemente que muitas vezes ficava à beira das lágrimas diante da preocupação com a sua saúde e o seu bem-estar expressados na terminologia dos anúncios e das embalagens de alimentos, e também com as vozes automatizadas nos trens e ônibus, que pareciam temerosas de que ele deixasse passar seu ponto ou sua estação; ele sentia até mesmo algo semelhante ao amor pela voz feminina que o guiava, enquanto ele dirigia seu carro, com muito mais dedicação do que sua mulher jamais tivera. Tinha havido uma grande coleta, disse ele, de linguagem e informações da vida, e talvez fosse o caso de o falso humano estar se tornando mais sólido e mais interpessoal do que o original, de ser mais possível receber afeto de uma máquina que de nosso próprio semelhante. Afinal, a interface mecanizada era resultado da destilação não de um humano, mas

de muitos. Em outras palavras, fora preciso que muitos astrólogos vivessem para aquele exemplo específico ser criado. O que tranquilizava, na opinião dele, era o simples fato de esse coro oceânico não estar vinculado a nenhuma pessoa em especial, de parecer vir de toda parte e de lugar nenhum: reconhecia que muita gente achava essa ideia enlouquecedora, mas para ele a erosão da individualidade significava também a erosão do poder de machucar.

Fora esse mesmo amigo — um escritor — quem havia me aconselhado, na primavera, que mais valia comprar uma casa ruim numa rua boa do que uma casa boa num lugar ruim. Apenas os muito sortudos e os muito azarados, disse ele, recebem um destino homogêneo; o restante de nós precisa optar. O corretor de imóveis ficara surpreso por eu acatar esse sábio conselho, se é que de fato era sábio. Na sua experiência, disse ele, pessoas criativas muitas vezes valorizavam as vantagens da luz e do espaço mais que as da localização. Tendiam a procurar o potencial das coisas, enquanto a maioria buscava a segurança da conformidade, do que já havia alcançado seu potencial máximo, de imóveis cuja aparência era apenas a soma de possibilidades exauridas, aos quais nada mais se podia acrescentar. A ironia, disse ele, era que esse tipo de pessoa, embora tivesse medo de ser original, era também obcecada pela originalidade. A simples menção de algum elemento de época fazia seus clientes se extasiarem; ora, era só se afastar um pouco do centro para ter esses elementos em abundância por um preço bem menor. Também era um mistério para ele, disse-me o corretor, por que as pessoas continuavam a comprar em pontos hiperinflacionados da cidade quando era possível encontrar pechinchas nos bairros em ascensão. Supunha que no cerne disso estivesse a sua falta de imaginação. Atualmente o mercado estava em alta, disse ele; longe de desencorajar os compradores, essa situação na verdade parecia inflamá-los. Ele vinha assistindo diariamente a cenas de puro caos, vendo seu escritório ser invadido por hordas de gente se acotovelando para pagar muito por muito pouco, como se sua vida dependesse disso. Tinha feito visitas nas quais houve até

brigas, intermediou duelos de ofertas de uma agressividade sem precedentes, e chegou a receber propostas de suborno em troca de tratamento preferencial; tudo isso, segundo ele, por imóveis que, quando analisados à fria luz do dia, nada tinham de excepcional. O que impressionava era o desespero genuíno dessas pessoas, uma vez aprisionadas pelas garras do desejo: elas lhe telefonavam de hora em hora querendo novas informações, ou então apareciam no escritório sem motivo; imploravam, e às vezes chegavam a chorar; num minuto se mostravam iradas e, no minuto seguinte, contritas, e muitas vezes o presenteavam com longas confissões relacionadas às suas circunstâncias pessoais. Ele teria sentido pena dessas pessoas não fosse o fato de elas invariavelmente apagarem o drama da mente no mesmo segundo em que tudo terminava e a compra se concluía, livrando-se não só da lembrança do próprio comportamento, mas também das pessoas que o haviam suportado. Alguns clientes compartilhavam com ele as intimidades mais repulsivas numa semana e, na semana seguinte, cruzavam com ele na rua sem o menor sinal de reconhecimento; conheceu casais que tinham chegado ao fundo do poço diante dos seus olhos e agora cuidavam de sua vida no bairro como se nada fosse. Somente no caráter absoluto do seu alheamento ele às vezes detectava algum indício de vergonha. Nos primeiros anos de sua carreira, havia ficado abalado com esses incidentes, mas felizmente a experiência tinha lhe ensinado a não levá-los para o lado pessoal. Compreendia que, para essas pessoas, ele representava um personagem surgido da névoa vermelha do seu desejo, um objeto de transferência, por assim dizer. No entanto, o desejo em si ainda o deixava perplexo. Às vezes ele chegava à conclusão de que as pessoas só queriam o que não tinham certeza de conseguir; em outros momentos, tudo lhe parecia mais complexo. Com frequência, seus clientes se confessavam aliviados com o fato de o seu desejo não ter sido atendido: as mesmas pessoas que haviam se descontrolado e chorado como crianças frustradas por não conseguirem um imóvel podiam ser vistas dias depois sentadas calmamente na sua sala expressando

gratidão por não terem conseguido comprá-lo. Podiam ver agora que o imóvel teria sido totalmente impróprio para elas; queriam saber o que mais ele tinha disponível. Para a maioria das pessoas, disse ele, achar e comprar um imóvel era um estado intensamente ativo; e a atividade acarreta certa cegueira, a cegueira da fixação. É só quando as suas vontades se exaurem que a maioria das pessoas reconhece as leis do destino.

Estávamos sentados na sala dele quando esse diálogo ocorreu. Lá fora, o tráfego avançava com lentidão pela rua cinza e suja de Londres. Falei que o frenesi por ele descrito, longe de me incentivar a competir, eliminava qualquer entusiasmo que eu pudesse ter sentido em relação a procurar uma casa e me dava vontade de ir embora no mesmo instante. Além do mais, eu não tinha dinheiro para duelos de ofertas. Entendia que, nas condições de mercado descritas por ele, era portanto improvável que eu encontrasse um lugar para morar. Ao mesmo tempo, contudo, me rebelava contra a ideia de que pessoas criativas, como ele as havia chamado, devessem sempre permitir que os outros as marginalizassem por meio do que ele havia educadamente descrito como seus valores superiores. Ele tinha usado, acreditava eu, a palavra “imaginação”: a pior coisa possível para uma pessoa assim era sair do centro num ato de autoproteção e ir se refugiar numa realidade estética por meio da qual o mundo exterior permanecesse intacto. Se eu não queria competir, queria menos ainda criar novas regras em relação ao que constituía a vitória. Iria querer o que todo mundo queria, mesmo que não pudesse obtê-lo.

O corretor pareceu um pouco espantado com esses comentários. Disse não ter tido a intenção de sugerir que eu devesse ser marginalizada. Apenas pensou que eu talvez pudesse conseguir mais pelo dinheiro que tinha, e com mais facilidade, num bairro menos concorrido. Podia ver que eu estava numa situação vulnerável. E um fatalismo como o meu era raro no mundo em que ele trabalhava. No entanto, se eu estivesse decidida a competir com os outros, bem, ele tinha algo que poderia me mostrar. Estava com os detalhes bem ali na sua

frente: o imóvel acabara de voltar ao mercado naquela mesma manhã, depois de a compra original não se concretizar. Era um imóvel de propriedade do governo; eles queriam encontrar logo outro comprador, e o preço refletia esse fato. Como eu podia ver, disse ele, estava em condições bem ruins — na verdade, era praticamente inabitável. A maioria dos clientes, por mais ávida que estivesse, não teria chegado nem perto. Se eu lhe permitisse usar a palavra “imaginação”, estava além do alcance da imaginação da maioria; embora ele reconhecesse que se situava num local muito desejável. Considerando a minha situação, contudo, ele não podia, em sã consciência, me incentivar. Aquele era um imóvel para um empreendedor ou para um construtor independente, alguém que pudesse olhá-lo com imparcialidade; o problema era que a margem era pequena demais para esse tipo de cliente se interessar. Ele me encarou nos olhos pela primeira vez. Obviamente não se trata de um lugar adequado para morar com crianças.

Semanas mais tarde, quando a transação foi concluída, por acaso cruzei com o corretor na rua. Ele estava caminhando sozinho, com um maço de papéis apertado junto ao peito e um molho de chaves tilintando na mão. Fiz questão de cumprimentá-lo, lembrando o que ele tinha dito, mas ele apenas me encarou com um olhar vazio e tornou a desviar os olhos. Isso tinha sido no começo do verão; estávamos agora no início do outono. Foram os comentários da astróloga sobre crueldade que me fizeram recordar esse incidente, que na época parecera provar que, a despeito do que desejemos acreditar em relação a nós mesmos, somos apenas o resultado de como os outros nos trataram. No e-mail da astróloga havia um link para a leitura dos planetas que ela havia feito para mim. Paguei pelo serviço e li o que estava escrito.

Reconheci Gerard na hora: ele estava pedalando sua bicicleta no meio do tráfego debaixo do sol e passou sem me ver, com o rosto erguido. Exibia uma expressão exaltada que me lembrou o aspecto dramático da sua personalidade e a noite, quinze anos antes, em que ele havia se sentado nu no peitoril de nosso apartamento no último andar, com as pernas penduradas no escuro, e dito não acreditar que eu o amasse. A única diferença perceptível eram os cabelos, que ele havia deixado crescer numa impressionante juba de cachos escuros revoltos.

Tornei a vê-lo alguns dias mais tarde: era de manhã cedo, e dessa vez ele estava em pé na rua, ao lado de sua bicicleta, segurando a mão de uma menina pequena vestida com um uniforme escolar. Eu havia morado com Gerard por vários meses no apartamento que ele tinha e onde, pelo que eu sabia, ainda morava. Ao final desse período, sem muita cerimônia ou explicação, o havia deixado por outra pessoa e me mudado de Londres. Durante alguns anos depois disso, ele às vezes ligava para nossa casa na zona rural, e sua voz soava tão débil e distante que era como se ele estivesse ligando de algum verdadeiro lugar de exílio. Então, um belo dia, ele me mandou uma carta de várias páginas escrita à mão na qual parecia explicar por que havia considerado o meu comportamento ao mesmo tempo incompreensível e moralmente incorreto. A carta tinha chegado na fase exaustiva logo após o nascimento do meu filho mais velho; eu não conseguira lê-la até o final, e havia somado à lista dos meus pecados o fato de não a ter respondido.

Depois de nos cumprimentarmos e expressarmos uma surpresa, de minha parte fingida, dado que eu já o vira uma vez sem que ele me visse, Gerard me apresentou a menininha como



sua filha.

“Clara”, disse ela com uma voz firme, aguda e oscilante quando lhe perguntei seu nome.

Gerard perguntou que idade tinham os meus agora, como se a realidade patente do fato de ser pai pudesse ser suavizada se eu também estivesse implicada. Disse que tinha me visto ser entrevistada em algum lugar — já devia fazer anos agora, para ser sincero — e a descrição da minha casa no litoral de Sussex o havia deixado com bastante inveja. A região de South Downs era uma das suas preferidas no país. Ele disse estar surpreso por cruzar comigo de volta ali na cidade.

“Clara e eu fomos caminhar em South Downs uma vez”, disse ele. “Não foi, Clara?”

“Foi”, disse ela.

“Muitas vezes pensei que é para lá que iríamos se algum dia saíssemos de Londres”, disse Gerard. “Diane me deixa ler os anúncios imobiliários, contanto que eu pare por aí.”

“Diane é a minha mãe”, explicou Clara com dignidade.

A rua em que estávamos era uma daquelas avenidas largas margeadas por árvores com belas casas vitorianas que parecem ser uma garantia de respeitabilidade do bairro. Quando eu passava por elas, suas cercas vivas bem aparadas e grandes janelas frontais muito limpas sempre haviam me causado sensações injustificadas tanto de segurança quanto de absoluta exclusão. O apartamento em que eu tinha morado com Gerard ficava ali perto, numa rua onde as primeiras débeis mudanças decrescentes de tom podiam ser ouvidas conforme o bairro iniciava sua transição rumo aos setores malconservados e sufocados pelo tráfego mais ao leste: embora ainda belas, as casas apresentavam imperfeições ocasionais; as cercas vivas eram um pouco mais descontroladas. O apartamento era um espaçoso e extenso labirinto de cômodos nos andares superiores de uma *villa* eduardiana, cujas vistas impressionantes permitiam compreender a transição da salubridade para a imundície, dicotomia esta que Gerard na época parecia dominar, ou então que parecia aprisioná-lo. Nos fundos ficava a vista palladiana para

o oeste, de gramados bem cuidados, imensas árvores e discretos vislumbres de outras belas residências. Na frente ficava um sombrio panorama de desolação urbana do qual, como o prédio ficava no alto de uma subida, o apartamento tinha uma vista particularmente desimpedida. Gerard certo dia tinha apontado para uma estrutura comprida e baixa ao longe e me dito se tratar de um presídio feminino; a visão que tínhamos dele era tão boa que à noite os pontinhos cor de laranja, que eram as brasas dos cigarros das detentas, podiam ser vistos quando elas iam fumar na passarela que margeava as celas.

Os barulhos do pátio de recreio vindos de trás do grande muro ao nosso lado estavam ficando mais fortes. Gerard pôs a mão no ombro de Clara e se abaixou para falar em voz baixa no seu ouvido. Obviamente estava fazendo algum tipo de reprimenda, e peguei-me mais uma vez recordando sua carta e o catálogo de falhas que ela trazia. Clara era uma criatura pequenina, frágil e bonita, mas enquanto o pai falava seu rosto de elfo adotou uma expressão de martírio supremo que sugeriu que a menina havia herdado parte do seu comportamento dramático. Ela escutou interessada enquanto ele a corrigia, fitando sem piscar a rua ao longe com seus sagazes olhos castanhos. Após menear a cabeça muito de leve em resposta à última pergunta dele, virou as costas e atravessou os portões de modo distraído junto com as outras crianças.

Perguntei a Gerard quantos anos sua filha tinha.

“Oito”, disse ele. “Oito quase dezoito.”

Fiquei surpresa com a descoberta de que Gerard tinha uma filha. Na época em que eu o conhecera, ele estava tão longe de resolver as dificuldades da própria infância que era difícil acreditar que agora fosse pai. Essa estranheza foi acentuada pelo fato de que sob todos os outros aspectos ele parecia igual: o rosto de pele amarelada com os olhos suaves, de cílios longos e levemente infantil não tinha envelhecido; a perna esquerda da calça continuava presa como sempre estivera por uma presilha de bicicleta; o estojo de violino pendurado em suas costas sempre tinha sido um item tão permanente da sua aparência que

não pensei em perguntar o que ainda estava fazendo ali. Depois de Clara sumir de vista, Gerard falou:

“Alguém me disse que você estava se mudando de volta para cá. Eu não soube se devia acreditar ou não.”

Ele perguntou se eu tinha comprado um imóvel e em que rua estava morando, e eu lhe respondi enquanto ele ficava parado e meneava vigorosamente a cabeça.

“Eu nem mudei de casa”, disse ele. “É estranho”, disse ele, “você sempre ter mudado tudo e eu não ter mudado nada, e mesmo assim continuarmos os dois no mesmo lugar.”

Alguns anos antes, continuou ele, havia passado um curto tempo no Canadá, mas tirando isso as coisas haviam permanecido em grande parte do mesmo jeito que sempre tinham sido. Ele se perguntava, falou, qual seria a sensação de ir embora, de se distanciar do que você conhecia e se mudar para outro lugar. Durante algum tempo depois de eu ir embora, ao sair de casa de manhã para o trabalho, ele olhava para o pé de magnólia que ficava ao lado do porão, e pensar que eu já não via mais aquela planta o soterrava por sua estranheza. Havia um quadro que tínhamos comprado juntos — ainda pendurado exatamente no mesmo lugar, entre as grandes janelas que davam para o jardim dos fundos — e ele se sentava, olhava para aquilo e ficava pensando como eu podia ter suportado abandoná-lo ali. No início via essas coisas — o pé de magnólia, o quadro, os livros e demais objetos que eu não tinha levado — como vítimas de abandono, mas com o tempo isso havia mudado. Houve um período no qual se deu conta de que eu sentiria dor ao rever essas coisas, as coisas que tinha abandonado. Então, mais tarde ainda, ele começou a sentir que àquela altura talvez eu fosse ficar feliz em revê-las. Tinha guardado tudo, aliás, e o pé de magnólia — embora os outros moradores houvessem falado em cortá-lo — continuava lá.

Um grupo cada vez maior de pais e crianças uniformizadas se aglomerava ao redor dos portões, e estava ficando difícil conversar com o barulho. Gerard toda hora precisava tirar a bicicleta do caminho, segurando-a de leve pelo guidom. A

maioria dos outros responsáveis eram mulheres: mulheres com cães na coleira e outras com carrinhos, mulheres elegantemente vestidas com pastas de trabalho e mulheres carregando mochilas, lancheiras e instrumentos musicais infantis. O som de suas vozes foi aumentando com a aglomeração, competindo com o barulho cada vez mais alto que vinha de trás dos muros conforme mais e mais crianças entravam no pátio. Houve a sensação de um crescendo inexorável, quase de histeria, que cessaria de modo abrupto assim que o sinal da escola tocasse. De vez em quando, uma das mulheres cumprimentava Gerard com um grito, e eu o via responder com o entusiasmo que sempre servira de camuflagem para sua desconfiança social.

Ele removeu a bicicleta do meio da confusão e a deslocou para a rua, onde as primeiras folhas cor de ferrugem tinham começado a cair ao redor dos carros estacionados. Atravessamos para o outro lado. A manhã estava amena, nublada e sem vento; em contraste com a cena barulhenta que acabáramos de presenciar, o mundo ali de repente pareceu tão silencioso e estacionário que foi como se o tempo houvesse parado. Gerard admitiu que ainda se sentia pouco à vontade em frente ao portão, apesar de já fazer anos que levava Clara à escola. Diane trabalhava muitas horas e, além disso, se identificava ainda menos do que ele com a cultura escolar; o fato de ele ser homem pelo menos lhe proporcionava algum disfarce. Quando Clara era menor, era ele quem frequentava os grupos de brincadeiras e ia aos cafés da manhã. Tinha aprendido muito, não sobre a paternidade, mas sobre os outros. Ficara surpreso ao descobrir que as mulheres eram hostis com ele nos grupos de bebês, apesar do fato de nunca ter se considerado particularmente másculo. Sempre tivera amigas próximas; sua melhor amiga ao longo de toda a adolescência fora Miranda — eu devia me lembrar dela —, e os dois, em determinado momento, pareciam intercambiáveis, muitas vezes dividindo a cama ou trocando de roupa um na frente do outro sem constrangimento. No mundo das mães, porém, sua masculinidade de repente virou um estigma: as outras pareciam considerá-lo alternadamente com

ressentimento e desprezo, como se ele não pudesse vencer nem com a sua presença, nem com a sua ausência. Muitas vezes se sentira solitário cuidando de Clara nessa época, e com frequência ficara assoberbado com as novas percepções em relação à própria criação que ser pai lhe proporcionava. Diane voltara a trabalhar em tempo integral, e embora ele às vezes se espantasse com a sua falta de sentimentalismo em relação à maternidade e com a sua aversão pelas atividades maternas, aos poucos passou a entender que esse conhecimento — do cuidar e suas consequências — não era algo de que ela fizesse questão. Ela sabia tanto quanto precisava saber sobre ser mulher; quem precisava saber, aprender era ele. Precisava saber como cuidar de outra pessoa, como ser responsável, como construir e manter um relacionamento, e ela o havia deixado fazer isso. Entregara-lhe Clara com uma totalidade que ele estava certo de que a maioria das mulheres não teria sido capaz, e fora difícil, mas ele havia perseverado.

“Eu hoje sou o dono de casa favorito delas”, disse ele, meneando a cabeça para as mulheres com cachorros e carrinhos que agora se dispersavam.

Começamos lentamente a nos afastar da escola e a subir o aclive gradual em direção à estação de metrô. Essa escolha de direção teve algo de automático: eu não pretendia pegar o metrô, e obviamente Gerard, com a sua bicicleta, também não, mas a complexidade daquele nosso encontro depois de tanto tempo parecia ter gerado o acordo tácito de que, até termos certeza de onde estávamos pisando, deveríamos permanecer em território neutro e navegar guiados pelos pontos de referência públicos. Tinha esquecido, disse-lhe eu, o quanto o anonimato da cidade podia ser um alívio. Ali as pessoas não viviam tendo de se explicar o tempo todo; uma cidade era uma interface decifrável, uma espécie de léxico do comportamento humano que fazia metade do trabalho de decodificar o mistério do indivíduo, tornando possível uma comunicação eficiente por meio de uma espécie de estenografia. Lá onde eu morava antes, na zona rural, cada indivíduo era a representação única e muitas vezes ilegível

dos próprios atos e objetivos. Muita coisa se perdia ou era mal compreendida no processo da autoexplicação, falei; pressupunha-se muita coisa sem fundamento; muitas palavras não conseguiam manter um significado integral.

“Quanto tempo faz que você saiu de Londres?”, perguntou Gerard. “Deve fazer o quê... uns quinze anos?”

Houve algo de fingido no caráter vago da sua pergunta: ele deu a impressão — oposta da que decerto pretendia — de ter uma profunda familiaridade com os fatos que fingia desconhecer, e senti uma pontada de culpa e vergonha pelo modo como o havia tratado. Espantei-me uma vez mais que ele tivesse mudado tão pouco desde então, a não ser pelo fato de ter sido de algum modo preenchido. Naquela época ele era um rascunho, um esboço; eu tinha desejado que ele fosse mais do que era sem conseguir ver de onde viria esse extra. Mas o tempo lhe havia conferido densidade, como um artista que preenche o desenho esboçado. Ele passava os dedos com frequência pelos cabelos bagunçados; parecia muito saudável e queimado de sol, e estava usando uma camisa quadriculada folgada vermelha e azul do tipo que o seu eu mais jovem gostava de usar, consideravelmente aberta para deixar à mostra o pescoço bronzeado. As cores da camisa estavam tão desbotadas pelo tempo e pelas lavagens que me perguntei se aquela seria na verdade a mesma camisa que eu me lembrava de tê-lo visto usar tantos anos antes. Ele sempre fora uma pessoa frugal, a tal ponto que o desperdício e o excesso o deixavam genuinamente incomodado, além de levá-lo a um julgamento involuntário dos outros; mas eu me lembrava de ele ter confessado certa vez que, nas suas fantasias, se entregava aos mesmos atos de extravagância e destruição inúteis que condenava.

Comentei que muito pouca coisa parecia ter mudado ali durante a minha ausência; eu tinha percebido, continuei, que quando meus vizinhos saíam pela porta de suas casas de manhã impecavelmente vestidos para o trabalho, muitas vezes paravam para olhar em volta com um leve sorriso, como se houvessem acabado de recordar algo agradável. Gerard riu.

“É difícil não se sentir presunçoso”, disse ele, “com tanta presunção em volta.”

Uma das vantagens de ir embora, ele agora entendia, era que ficava mais fácil mudar. Imaginava que fosse justamente isso que sempre temera: ir parar em algum lugar e se dar conta de que, nesse processo, havia se perdido. Diane era canadense, continuou ele, e viver num continente diferente do que aquele em que fora criada não parecia incomodá-la nem um pouco. Pelo contrário, ela acreditava ter se poupado o trabalho de lidar com diversas questões emocionais paralisantes — entre as quais a principal era sua mãe — simplesmente se mudando para o outro lado do mundo. Mas havia certa inexorabilidade, admitiu Gerard, no fato de ele morar em Londres e no destino que isso tinha lhe mapeado: ele passara a entender que a maioria das pessoas não era atrapalhada pelas próprias origens da mesma forma. Passara dois anos morando em Toronto com Diane, e embora lá tivesse se sentido liberado — libertado, para ser sincero, do que parecia ser um peso esmagador —, seu sentimento de culpa era ainda mais forte. E depois que Clara nasceu o dilema piorou: a única coisa mais inimaginável do que a ideia de Clara ter uma infância parecida com a dele era a ideia de isso não acontecer, de ela talvez passar a vida inteira alheia a tudo que, para Gerard, constituía a realidade.

Perguntei-lhe por que ele tinha usado a palavra “culpa” para descrever o que outras pessoas teriam chamado de saudades de casa, e que de toda forma era na verdade apenas a ausência do seu próprio mundo conhecido.

“Parecia errado estar escolhendo”, disse Gerard. “Parecia errado a vida inteira estar baseada na escolha.”

Ele havia conhecido Diane por acaso, numa fila de cinema. Fora para Toronto com uma bolsa de pesquisa de seis meses oferecida por um departamento de estudos de cinema de lá. Havia se candidatado com a certeza absoluta de que não iria ganhá-la, mas de repente lá estava ele, longe de casa, a vinte graus negativos de temperatura e na fila para ver um clássico reconfortante, *A noite dos mortos-vivos*. Revelou-se que Diane

também era fã de filmes de terror. Ela trabalhava para a CBC num emprego com um horário puxado. Eles vinham saindo esporadicamente havia algumas semanas quando a pessoa que Diane pagava para passear com sua cadela — uma poodle grande e vigorosa chamada Trixie — se mudou da cidade. A cadela já era motivo de ansiedade para Diane: na época, ela estava envolvida com um projeto de trabalho particularmente estressante, saía de casa cedo e voltava tarde da noite, e de toda forma a hora de Trixie com o passeador não era nem de longe suficiente. Diane era uma amante ardorosa de cachorros e considerava a crueldade da situação de Trixie com a máxima seriedade. Agora que aquela crise tinha acontecido, seria obrigada a doar a cadela, “o que no caso de Diane”, disse Gerard, “era como se estivessem lhe pedindo para doar o próprio filho”.

Embora não conhecesse Diane muito bem — e não soubesse absolutamente nada sobre cachorros —, Gerard se ofereceu para ajudá-la. Ministrava um curso noturno na universidade, mas durante o dia tinha o tempo mais ou menos livre. Estava planejando voltar para Londres no fim do semestre, mas até lá se dispunha a passar todo dia no apartamento de Diane, prender a guia de Trixie na coleira e levá-la saltitando e se contorcendo até o parque.

No início a cadela o deixara nervoso — era grande, obstinada e muda —, mas em pouco tempo ele começou a apreciar os passeios, que o levavam a partes de Toronto que ele nunca tinha visto, além de terem a vantagem de eliminar da sua vida diária o elemento da escolha, embora ele às vezes olhasse para si mesmo passeando com um cachorro de porte grande por uma cidade estrangeira e se perguntasse como diabos tinha ido parar ali. Depois de uma semana ou duas, parecia ter encontrado uma rotina com Trixie, ou pelo menos a achava menos assustadora quando entrava no apartamento e ela se levantava com um pulo e rosnava. A cadela o acompanhava com razoável facilidade; ia trotando orgulhosa ao seu lado, de cabeça erguida, e ele constatou que caminhava com uma postura um pouco mais orgulhosa também, com aquele animal silencioso trotando ao



seu lado. Ele e Diane mal se viam, mas ele foi sentindo uma intimidade cada vez maior com Trixie, e certo dia lhe ocorreu que não era necessário mantê-la na guia — na verdade, isso era um leve insulto para ela —, uma vez que a cadela caminhava ao seu lado com muita disciplina e controle de si. Sem parar para refletir, abaixou-se e soltou a guia, e no mesmo instante Trixie fugiu. Ele estava numa esquina movimentada da Richmond Avenue. Viu-a de relance, chispando feito uma flecha marrom pelo meio do tráfego em direção ao norte da cidade, e depois disso ela desapareceu por completo.

Foi estranho, disse ele, mas ali, em pé na calçada, com os imensos cânions cinzentos das ruas de Toronto a se estender para todos os lados de onde ele estava e a guia pendurada na mão, ele havia se sentido pela primeira vez em casa: a sensação de ter provocado sem querer uma mudança irreversível, de o seu fracasso ser a força que permitia o surgimento de algo novo, aquilo era, percebeu ali em pé, a coisa mais profunda e mais familiar que conhecia. Ao fracassar, havia criado a perda, e a perda era o limiar da liberdade: um limiar canhestro e desconfortável, mas o único que ele fora capaz de cruzar; em geral, disse ele, porque era empurrado para o outro lado em consequência dos acontecimentos que o tinham conduzido até lá. Voltou para o apartamento de Diane e ficou esperando enquanto os cômodos escureciam, com a guia ainda na mão, até ela chegar em casa. Ela percebeu na hora o que tinha acontecido; e por estranho que pareça, disse Gerard, seu relacionamento começou nesse ponto. Ele havia destruído aquilo que ela mais amava; ela, por sua vez, o havia exposto ao fracasso por meio de expectativas que ele era incapaz de atender. Sem terem essa intenção, eles haviam encontrado as mais profundas vulnerabilidades um do outro; por aquele terrível atalho, tinham chegado ao lugar onde, para ambos, os relacionamentos em geral terminavam, e partido dali.

“Diane conta essa história melhor do que eu”, acrescentou Gerard com um sorriso.

Eles agora haviam entrado no pequeno parque que servia de

atalho até o metrô por entre a falange de ruas residenciais. A essa hora da manhã, estava praticamente vazio. No parquinho infantil delimitado por uma cerca, algumas mulheres com crianças que ainda não iam à escola as observavam escalar os brinquedos ou olhavam seus celulares.

Eles tinham ficado mais um ano e meio em Toronto, continuou Gerard, e nesse tempo Clara nasceu. Não tinham dinheiro para comprar sequer um minúsculo apartamento em Toronto, enquanto em Londres apartamentos como o que Gerard ainda tinha, e que havia comprado por uma quantia modesta muitos anos antes, estavam sendo vendidos por centenas de milhares de libras. Além do mais, Clara precisava de parentes: na opinião de Diane, criar uma criança totalmente protegida era impróprio.

“A família de Diane é bem disfuncional”, disse ele. “Em comparação, a minha só faz ativar o sistema imunológico.”

Eles tinham se mudado de volta para Londres quando Clara estava com três meses de idade; ela não teria lembrança alguma da cidade pálida e árida na qual havia nascido, lembrança alguma do grande lago agitado em cujas margens ventosas Gerard havia caminhado com ela dentro de um carregador junto ao peito, lembrança alguma da esquisita casa de ripas de madeira ao lado dos trilhos de bonde que Gerard e Diane tinham dividido com uma comunidade rotativa de artistas, músicos e escritores. A casa antes era uma loja, e a grande vitrine fora mantida: formava parte da área de estar principal, de modo que era possível ver de fora os moradores cuidando de seus afazeres. Muitas vezes, Gerard tinha voltado para casa e se espantado — principalmente à noite, quando as luzes estavam acesas e a vitrine se transformava num grande palco iluminado — com os quadros humanos que via ali, as cenas de amor e os bate-bocas, as cenas de solidão, diligência, amizade, às vezes de tédio e dissociação. Conhecia todos os atores — assim que entrava, tornava-se um deles —, mas com frequência continuava lá fora apenas assistindo, fascinado. Em certo sentido, sabia que tudo não passava de afetação de artistas, mas para ele aquilo resumia algo

em relação a Toronto e à sua vida ali, alguma distinção vital que ele reconhecia, mas que não conseguia compreender de todo, embora a palavra que sempre lhe ocorresse quando tentava descrevê-lo fosse “inocência”.

“Não acho que teria sido possível”, disse ele, “aqui em Londres, entre as pessoas que eu conhecia, viver assim. Aqui tem ironia demais. Não se pode ser afetado aqui — tudo já é uma imitação de si mesmo.”

Mesmo assim, ele e Diane tinham voltado, e embora o clima de esperteza fosse às vezes sufocante — “até o pub é irônico”, disse ele quando nos aproximamos do bar, cujo prédio antes sórdido era agora uma alusão reformada à própria história não existente —, a força da continuidade atualmente agia como um vento a favor. Eles tinham uma vida impressionantemente estável, algo bastante milagroso, disse ele, considerando aquilo de que ambos eram capazes. Na superfície, pelo menos no caso dele, os fatos dessa vida eram os mesmos desde a época em que eu o conheci: ele morava no mesmo apartamento, tinha mantido os mesmos amigos, frequentava os mesmos lugares nos mesmos dias como sempre fizera; ainda usava até muitas das mesmas roupas. A diferença era que Diane e Clara o acompanhavam: elas formavam uma espécie de plateia; não fosse isso, ele duvidava que teria conseguido manter aquela vida. Cada vez mais, continuou, via sua estada em Toronto como a base dessa continuidade, uma incursão ao estrangeiro durante a qual havia encontrado em outro lugar os recursos que lhe possibilitariam cimentar de vez sua existência aqui. Era um pensamento interessante, que a estabilidade pudesse ser vista como um produto do risco; talvez fosse quando as pessoas tentavam manter as coisas iguais que o processo de declínio começava.

“De certa forma, é como se ainda estivéssemos vivendo numa vitrine de loja”, disse ele. “É uma construção, mas também é real.”

Eu lhe disse que quando tinha me mudado de volta para Londres com meus filhos, no verão, no começo fora tudo tão estranho que meu filho mais velho dissera ter a sensação de estar